

Revolução Federalista: implicações internacionais¹

Tiago Machado*

Resumo:

A Revolução Federalista polarizou de um lado, os republicanos, que representavam o grupo que havia chegado ao poder com a Proclamação da República do Brasil (1889). Do outro, os liberais, que dispunham de grande poder econômico e muitos correligionários, porém, foram destituídos do governo estadual após 1889. Os primeiros movimentos de guerra foram dados pelos federalistas, quando invadiram o RS, a partir do Uruguai, no início de 1893. Uruguai e Argentina foram extremamente importantes para as pretensões federalistas durante há Revolução. Neste sentido, o objetivo deste trabalho é pesquisar como se deu a relação entre os revolucionários e argentinos. Aparentemente, essa relação apresenta características ambíguas, haja vista que, os federalistas estreitaram relações com revolucionários pertencentes à União Cívica Radical, além de manter contatos com membros do governo argentino.

Palavras-chaves: Revolução Federalista; Relações Exteriores; Argentina.

Abstract:

The Federalist Revolution polarized on one side, the Republicans, who represented the group that had come to power with the Proclamation of the Republic of Brazil (1889). On the other, the Liberals, who had great economic power and many supporters, however, were removed from the state government after 1889. The first stirrings of war were given by the Federalists, when they invaded the RS, from Uruguay, in early 1893. Uruguay and Argentina were extremely important to the claims are federalists during the Revolution. In this sense, the objective of this research is as it was the relationship between the revolutionaries and Argentina. Apparently, this relationship has characteristics ambiguous, given that the Federalists closer links with revolutionaries belonging to the Radical Civic Union, and maintain contacts with members of the Argentine government.

Keywords: Federalist Revolution, Foreign Relations, Argentina.

Por mais de dois anos o Rio Grande do Sul foi infligido pela mais violenta e bárbara guerra civil brasileira, a “Revolução Federalista” (1893/95). Logo esse movimento, que começou em nível estadual, ganhou conotações nacionais e inclusive, internacionais. Entender seus antecedentes, seu desenrolar, bem como as suas

* Mestrando em História pelo Programa de Pós-Graduação em História da Universidade de Passo Fundo.

implicações no jogo político na região meridional da América Latina, é o objetivo desse artigo.

Durante boa parte do período imperial brasileiro, dois partidos políticos disputavam o espaço de coadjuvante na política nacional, uma vez que cabia ao imperador o papel principal. Eram eles: o Partido Liberal e o Partido Conservador. Porém, no ponto de vista ideológico se assemelhavam, uma vez que ambos defendiam os interesses do mesmo grupo, a oligarquia. No decênio de 1870 temos o surgimento de um pequeno partido, que aos poucos vai crescendo e ganhando representatividade, o Partido Republicano. O PR era formado basicamente por profissionais liberais, pessoas do meio urbano e um segmento de militares do exército. Na última década do império, o PL foi paulatinamente ganhando mais espaço, enquanto que o PC foi gradativamente caindo no ostracismo, isso fez com que muitos conservadores engrossassem as fileiras republicanas.

No Rio Grande do Sul o primeiro movimento republicano, após a fracassada tentativa de implementação da “Republica Rio-Grandense” (1835/45), foi organizado por membros da frágil classe média sulina (intelectuais e professores), que formaram o “Clube Republicano Bento Gonçalves”, em 1878.² Porém, tratava-se de um movimento frágil do ponto de vista ideológico e doutrinário. Essa situação é alterada, no início da década de 1880, quando da entrada no movimento republicano de jovens bacharéis, impregnados pelas idéias positivistas de Augusto Comte. Podemos dizer que: “A filosofia positivista, com seu conteúdo autoritário, se faz presente na maior parte dos temas programáticos do partido que, mais tarde, após a tomada do poder, irá substanciar-se na Constituição Rio-Grandense de 1891, redigida por Julio de Castilhos”.³ Em 1882 é fundado o Partido Republicano Rio-Grandense (PRR) e desde já se destaca a figura do jovem bacharel, Julio de Castilhos como uma das principais lideranças do PRR. Desta forma:

O PRR, [...] estruturado de forma coesa e disciplinado, através de uma organização político-partidária rígida, realizou, portanto, no decorrer de sete anos, um trabalho e organização eficiente que lhe possibilitou chegar à república completamente estruturado, tanto em relação ao seu trabalho interno, como em relações políticas a serem tomadas enquanto poder.

[...] a chefia de Castilhos se impunha naturalmente e os republicanos evolucionistas de Comte começam a pensar na via revolucionária: o Partido Republicano, que sempre timbrava em não possuir chefes, cioso de um regime de direção coletiva, anualmente renovado, tendia já, no ultimo ano do

Império, a um tácito reconhecimento da liderança pessoal de Júlio de Castilhos.⁴

Em 1883 após sugestão de Castilhos, tem-se a criação do jornal “A Federação”, que se transformou no órgão oficial de imprensa do partido e, teve nele, o seu diretor nos anos de 1884 a 1889.

O Partido Liberal, cujo seu principal expoente era Gaspar Silveira Martins, é de longe, na última década do Império o partido mais forte em termos estaduais e nacionais. No estado era quem representava o interesse dos grandes latifundiários da região sul. Como dissemos anteriormente diferenças entre liberais e conservadores eram poucas, “não há nada mais parecido que um conservador, do que um liberal no poder”. Não por acaso, comumente utiliza-se essa frase para conceituar os partidos da época do Império. O fato é que, após o golpe republicano, o poder local é transmitido automaticamente membros dos PR’s em todo território nacional. Entretanto, no Rio Grande do Sul, dar-se-á um fenômeno muito peculiar, uma vez que os republicanos eram sabidamente em menor número e menos influente na sociedade rio-grandense que os liberais.

Quando da proclamação da República, os liberais, através do jornal A Reforma,⁵ emitem um manifesto onde aceitam, mesmo que a “contra-gosto”, a República, porém, exigem um tratamento condizente com a sua posição: “[...] O Partido Liberal sujeita-se à força do ato consumado, no patriótico empenho de evitar uma luta civil. O Partido Liberal constitui a maioria da província; é uma força e como tal deve ser respeitada”.⁶ Assim sendo, Castilhos, sabedor da real situação política e da fragilidade de seu partido frente aos liberais, abre mão da chefia do Governo Provisório no estado, em detrimento dos militares, consegue assim entre outras coisas o apoio destes. Porém não abre mão dos postos-chaves da administração governamental, é a partir de então, que ele começa a gradativamente desmontar a máquina política imperial, desalojando os liberais de cargos políticos em todo estado. Nessa perspectiva Costa Franco, argumenta que:

[...] essa impiedosa e sistemática demolição da máquina político-eleitoral da monarquia foi a matriz do processo de fermentação de ódios e ressentimentos, que explodiria, afinal na rebelião de 1893. “inclusive, o autor chama atenção para o fato de que na lista dos nomes dos subscritores do manifesto dos chefes rebeldes de 15 de março de 1893, constata-se que uns poucos dentre os caudilhos insurgentes não foram vítimas das sumárias dispensas efetuadas pelo primeiro governo republicano.”⁷

Dentre as várias medidas tomadas pelo novo governo, estava à formação de uma constituinte para aprovar a nova Constituição do Estado, que se daria em março de 1891. Todos os membros eleitos para a constituinte faziam parte do PRR. A redação da Constituição ficou a cargo de uma comissão formada pelos republicanos: Assis Brasil, Ramiro Barcelos e Julio de Castilhos. Porém na prática a mesma foi redigida integralmente por Castilhos. Este fato gerou um conflito dentro do PRR, a ponto de Assis Brasil, um dos principais nomes do partido, pedir afastamento do mesmo. Mais que uma ruptura interna no partido, a mesma foi responsável pelo acirramento das tensões no estado, uma vez que a partir de então, a derrubada dela se tornou uma das principais reivindicações da oposição, pois: “Pela Constituição de 14 de julho, o governador tinha uma autoridade legal equivalente a um governo ditatorial”.⁸ Castilhos fazia valer um princípio básico da filosofia positivista, a “Ditadura Científica”. Em 14 de julho de 1891, a Constituição foi aprovada e suas principais características eram:

[...] a Constituição consagra os seguintes princípios: ausência da divisão dos poderes e conseqüente concentração de poderes nas mãos do Presidente do Estado; ausência da Assembléia Legislativa substituída por uma Assembléia de Representantes com atribuições exclusivamente orçamentárias; atribuições originais na organização municipal; substituição da proclamação liberal em torno dos direitos e deveres dos cidadãos por garantias gerais de ordem e progresso.⁹

Em novembro de 1891, o presidente, Marechal Deodoro da Fonseca, mostrando toda sua incapacidade de governar constitucionalmente, fecha a Assembléia na tentativa de dar um golpe de estado. Imediatamente Julio de Castilhos, através de um artigo no jornal “A Federação”, transfere seu apoio incondicional a ele. Porém, o golpe fracassa, Deodoro tem de renunciar. No estado, Castilhos em decorrência do seu apoio ao fracassado golpe, fica enfraquecido e passa a ser alvo de pesadas acusações da oposição. É deposto do poder. Num primeiro momento, republicanos dissidentes passam a administrar o estado, entretanto não conseguem resistir por muito tempo às fortes críticas dos castilhistas e dos liberais. Logo o controle do estado voltaria às mãos daqueles que haviam ficado às margens do poder político no imediato momento após a implementação da República, no caso os liberais.

Em janeiro de 1892, Gaspar Silveira Martins retorna do exílio. Este fato faz com que os liberais se aglutinem ainda mais, a ponto de em março de 1892 fundarem um novo partido, mais adaptado às idéias republicanas. Assim, nasce em 31/03/1892, em

Bagé, o Partido Federalista, que defendia, dentre outras idéias, um regime parlamentarista em detrimento ao presidencialismo; forte tendência liberal, que contrapunha o autoritarismo da Constituição de 1891.

Com os federalistas assumindo o governo, passam a desmontar sistematicamente, toda a estrutura partidária republicana que Castilhos havia implementado. Durante esse período, mais de uma vez, os republicanos reuniram-se na Argentina, para planejar uma forma de reassumir o poder estadual: “[...] Em março de 1892, em Monte Caseros, na Argentina, um grupo de republicanos emigrados realizou um encontro no qual decidiu pela ação revolucionária contra o governo do estado”.¹⁰

Mas o fato é que, após Floriano Peixoto assumir a Presidência da República, temeroso de que os federalistas tentassem uma possível restauração da monarquia, transfere seu total apoio para que o PRR recuperasse o poder estadual. Sobre a acusação dos castilhistas, de que os federalistas eram restauradores monárquicos, podemos dizer, que isto é encarado mais como uma tática de Castilhos para lhe garantir o apoio do governo federal, do que de fato realidade. Pois, afirmar que havia dentro do Partido Federalista um movimento restauracionista é impreciso. Sobre isso, Sérgio da Costa Franco argumenta que: “[...] de parte dos rebeldes do Rio Grande, jamais partiu manifestações expressas e claras de monarquismo. Ao contrario, desde que acusados de restauradores do trono, timbraram os federalistas em dizer-se fiéis à República e a Constituição federal”.¹¹

Mesmo assim, Floriano convencido de que os federalista representavam uma ameaça para a República, subsidia o PRR, afim de que este, reconquistasse o governo estadual. Quando então, em julho de 1892, o PRR volta a ter em mãos o poder do governo do RS e a partir de dali, Castilhos potencializa ainda mais a sua política de desmantelamento do poder político dos federalistas: “[...] após o golpe que reconduziu Castilhos ao poder, podemos dizer que se tornava impossível à oposição manter-se no estado, tal era a fúria dos castilhistas contra as propriedades e a vida dos federalistas”.¹² Os castilhistas não faziam mais do que cumprir as ordens de seu líder, “não poupar os inimigos nem nos bens, nem nas pessoas”. Nesses meses que antecederam a Revolução, mais de 130 federalistas foram assassinados.¹³ Em decorrência das perseguições republicanas, acreditasse que algo em torno de 10 a 15 mil sul-rio-grandenses, exilaram-se na Argentina e principalmente no Uruguai. “[...] a imprensa do Prata noticiou mais de 15 mil emigrados nas duas repúblicas vizinhas”.¹⁴

Na República Oriental, além de os federalistas possuírem uma estreita relação com os caudilhos daquele país, eram possuidores de muitas propriedades ao norte do rio Negro (rio que separa o Uruguai entre norte e sul), o que facilitou o trânsito naquele país. Toda essa movimentação federalista em território oriental, nem de longe agradava a Julio de Castilhos, que nesse momento, já deduzia que a Revolução era eminente. Assim sendo:

O Governo de Castilhos, logo após a saída dos líderes federalistas do estado – levando consigo montante considerável de armamento –, solicitou ao governo oriental o internamento daqueles, bem como seu desarmamento. As providências uruguaias, de acordo com o relato da Legação brasileira em Montevideú, deixaram muito a desejar.¹⁵

Contando com a conivência do governo uruguaio, os federalistas se organizaram e prepararam a invasão ao território do Rio Grande do Sul e conseqüentemente o início da Revolução. Quando, sob a liderança do General João Nunes da Silva Tavares (Joca Tavares) e do caudilho Gumercindo Saraiva, os federalistas, partindo do Uruguai invadiram o estado, em cinco de fevereiro de 1893. O que segundo Ana Luiza: “desencadeou um atrito de proporções internacionais”.¹⁶ Castilhos, além de vincular os federalistas com movimentos de restauração monárquica, para assim manter o importante apoio do governo federal a sua causa, com o mesmo intuito, sempre que possível, atrelava o conflito estadual a questões internacionais. Essa tática se mostrou muito eficiente, pois os republicanos sempre puderam contar com o apoio de Floriano Peixoto.

A Revolução perdurou por mais de dois anos. Durante este período ela teve algumas fases distintas, marcada por eventuais vitórias revolucionárias e triunfos legalistas. O que foi uma constante neste conflito foram os atos de barbárie adotados por ambos os lados. As forças federalistas tiveram conquistas importantes nos primeiros meses da Revolução, porém já no final de 1893, sofrendo com problemas de logística, planejamento e conseqüentemente escassez de recursos bélicos, não conseguiam mais causar grandes reveses as tropas castilhistas. Assim, através das tropas de Gumercindo Saraiva, optam por levar a Revolução ao centro do país. Neste momento, dar-se-á a confluência de dois movimentos revolucionários a nível nacional, a revolta da Armada e a Revolução Federalista, que em comum, tinham apenas o mesmo inimigo, o governo federal: “A revolta da Armada e a insurreição rio-grandense se confundiram a partir daí,

agravando ainda mais o hibridismo básico dos impulsos e objetivos das duas sublevações. [...] para minar a eficiência bélica e a coerência bélica dos insurgentes”.¹⁷

Gumercindo Saraiva e suas tropas continuaram seguindo rumo ao norte, ao estado do Paraná. Lá teve importantes vitórias, entre elas, a conquista da capital, Curitiba. Porém, na cidade da Lapa, nas imediações da capital, após semanas de batalha contra as tropas do governo federal, não consegue mais avançar e se vê obrigado a retornar. No final de maio, início de junho de 1894, a custo de muitos sacrifícios, as tropas de Gumercindo Saraiva retorna ao estado. Algumas semanas depois, liderados por Pinheiro Machado, General Lima e Firmino de Paula, a maior força do exército legalista, a “Divisão Norte”, trava contra as tropas de Gumercindo, a “Batalha do Pulador”.¹⁸ Não me atrevo aqui, levantar hipóteses de quem saiu vitorioso neste entrevero. Pois ambos os lados chamam para si à vitória. O certo é que, após horas de conflitos, e aproximadamente 500 mortos, as tropas federalistas são obrigadas a se retirar do campo de batalha. Pouco tempo depois, no dia 10 de agosto de 1894, numa localidade denominada Carovi, próxima a Santiago, Gumercindo Saraiva é ferido mortalmente, fazendo com que suas tropas revolucionárias se dispersassem.

A partir de então as movimentações revolucionárias entram em declínio vertiginoso. Os principais líderes do movimento migram para a Argentina e Uruguai, a fim de se reagrupar e recuperar as forças. Começa as tratativas de paz junto ao novo presidente, Prudente de Moraes. Os conflitos são cada vez mais inconstantes e isolados. Quando o Almirante Saldanha da Gama, em uma atitude corajosa, para não dizer insensata, a frente de mais de 100 marinheiros devidamente armados e equipados com sua cavalaria, são massacrados em um combate no dia 24 de junho de 1895. Este evento causou grande comoção entre os federalistas e de certa forma acelerou o acordo de paz, que se deu em 23 de agosto de 1895.

Os federalistas não contaram apenas com a “cumplicidade” das autoridades orientais, para promover e sustentar a Revolução. É possível constatar, que havia também, por parte de muitos líderes argentinos, um estreito laço com os revolucionários federalistas. Para Coralio Bragança Pardo Cabeda: “[...] A Argentina, ao que tudo indica, teria sido mais compreensiva do que o Uruguai com a presença de líderes insurretos em seu território nos primeiros meses da Revolução”.¹⁹ Nesse sentido, na mesma obra podemos perceber que:

[...] Na Argentina, Saldanha da Gama achou a opinião pública mais favorável aos revoltosos (do que no Uruguai[†]) a partir de outubro de 1894. O Almirante destacava o especial apoio de Virasoro, Governador da Província de Corrientes.²⁰

Mas, essa relação foi mais complexa do que aparenta. Nesse período, a Argentina estava sob um levante revolucionário promovido pelos membros da União Cívica Radical (UCR), que entre outras coisas, lutavam contra o centralismo político e econômico exercido pela capital federal, Buenos Aires. Bradavam por uma maior autonomia das províncias, pelo federalismo. E ao que consta, Vladimir Virasoro, governador de Corrientes, que recepcionava muito bem os revolucionários federalistas, era um político ligado a capital, lutava contra a UCR. Segundo Ana Luiza Reckziegel, o apoio argentino aos federalistas brasileiros não era apenas por parte de Virasoro, mas ao contrário, era patrocinado pela UCR:

Não era, porém, só com o Uruguai que o Brasil enfrentava problemas. A instabilidade política que grassava na Argentina era fator de preocupação para Floriano, ainda mais quando da eclosão da Revolta da Armada. Nessa ocasião, os revolucionários argentinos viram a possibilidade de fortalecer seu movimento, aliando-se aos federalistas rio-grandenses e á Armada insubordinada. [...]

[...] Em 1893, houve levantamentos em várias províncias, especialmente em Corrientes, de onde os cívico-radicais conclamavam à revolução; o país inteiro parecia a ponto de ser incendiado, com revoluções em São Luís, Santa Fé e Buenos Aires. [...]

Foi em meio a agitação revolucionária que Gaspar Silveira Martins recebeu proposta do emissário do Partido Radical para fornecer armamento e munição aos pontos de fronteira com o Brasil. A proposta ia além, pois previa uma provável separação do Rio Grande do Sul do Brasil, constituindo-se numa República aliada aos radicais argentinos.²¹

O apoio dos radicais argentinos (UCR) era compreensivo, pois segundo a autora: “[...] queriam o apoio dos federalistas brasileiros que, se vencedores na revolução, estavam acompanhado de toda Armada brasileira revoltosa”.²²

Graças a essa relação, eram facilitado aos federalistas, atividades essenciais para a manutenção da Revolução, como por exemplo: o contrabando de armas, que muitas vezes se vazia pela fronteira entre os dois países; outra prática corriqueiramente utilizada, era a de se atravessar a fronteira, pedindo exílio, sempre que necessário. Marcos Vinicius da Costa, em sua dissertação, com relação a esses fatores e ainda, a

[†] Grifo nosso.

aparente inércia do governo argentino, apresenta um importante documento produzido por Fernando Abbot, então Legador brasileiro em Buenos Aires, que aponta o seguinte:

Outro documento que nos mostra as relações entre revolucionários federalista e Radicais, é a correspondência do representante brasileiro na Argentina, Fernando Abbot.

[...] Abbot sustenta que recebeu a Legação acéfala e sem ação, acusa seu antecessor de não ter tomado as providencias cabíveis, relativas a vigilância e controle dos revolucionários federalistas que se encontravam na linha de fronteira Brasil/Argentina. [...] Em seguida, Abbot argumenta que, a Legação Brasileira recebia importantes informações sobre os *‘revolucionários, sobre passagem de força, sobre acampamentos formados’* e que não conseguiu do governo argentino uma resposta satisfatória. [...], e entrou em contato com Roca e com Pelegrini para dispersar os grupos de rebeldes exilados. Roca enviou circulares aos chefes civis e militares para que tomassem providencias quanto às atividades dos rebeldes.²³

Cabe lembrar que durante estes primeiros anos da República do Brasil, o país adotou uma política externa que entre outras coisas, baseava-se na: americanização; ação externa cooperativa e não confronto; parcerias estratégicas e principalmente cordialidade oficial no trato com os vizinhos. Sobre a relação Brasil/Argentina neste período, Amado Luiz Cevo nos diz que:

[...] As tropelias decorrente de movimentações revolucionárias nas fronteiras dos dois países não eram suficientes para estremecer suas relações. Durante o período de 1889 a 1902, as comunicações entre o Ministério das Relações Exteriores e a Legação em Buenos Aires centraram-se, basicamente, em três assuntos: relações comerciais, preocupação com o rearmamento naval da Argentina e eventual hegemonia desta região platina.²⁴

O autor chama a atenção para o fato de haver movimentações revolucionárias nas fronteiras. Entretanto explica que não foram suficientes para causar algum desconforto diplomático entre os dois países.

Nessa mesma linha, podemos trazer a tona um caso em particular, para poder contextualizar melhor, o quanto era desagradável para os republicanos essa situação de aproximação entre federalistas e argentinos. Pegaremos então como exemplo uma experiência vivida por Prestes Guimarães, principal líder federalista do norte do estado. As tropas de Prestes eram uma das que compunham o “Exército Libertador”. Após o abandono do campo de luta da “Batalha do Pulador”. Na longa marcha que planejavam, até o território oriental, um dos principais líderes do movimento revolucionário, Gumercindo Saraiva, foi morto por um soldado republicano que estava de tocaia. Isso provocou uma debandada geral das tropas. Alguns foram para Santa Catarina, outros

tantos fugiram das perseguições dos republicanos e conseguiram chegar ao Uruguai. Teve ainda quem procurou exílio na Argentina, entre eles “Prestes Guimarães e um pequeno grupo de seus comandantes, emigraram para a Argentina, no Passo de Garruchos”.²⁵ Sobre isto, o próprio Prestes, em seu diário relata o seguinte: “Prestes Guimarães com o Tenente Coronel José Dias e Major Affonso Fontoura, foram internados para a capital de Corrientes, e ali tratados com civilidade e carinho por parte do Governo Virasoro, que lhes deu aposentadoria”.²⁶

É possível comprovar a veracidade desta informação ao confrontarmos com as “Memórias de Relaciones Exteriores” da Argentina referente aos anos de 1894 e 1895.²⁷ Nestes livros, podemos encontrar, por exemplo, telegramas do governo argentino, endereçado ao então interventor federal em Corrientes, Vladimir virassoro, e ao governador de Misiones, onde o governo federal alega que “Lá Legacion del Brasil pide se evite la invasion á su pais por territorio argentino de emigrados brasileiros vinculados com la revolucion”. A seguir, trazemos uma correspondência datada de dezembro 3 de 1893, com os seguintes dizeres:

Al señor Interventor Nacional en la Provinvia de Corrientes y al señor Gobernador del Territorio de Misiones.
Oficial – El encrgado de negocios del Brasil me ha comunicado que hay reuniones de emigrados en la frontera de esa provincia sbre o Uruguay, com intensión de invadir a sú pais, dirigidos por um tal Prestes Guimarães, y en vista de denuncia S. E. el señor Presidente me encarga recomendar a V. E. la mayor vigilancia al respecto, y que si resultan exactos los informes del señor Encargado de Negocios proceda á disolver esos grupos internandos los causantes en el Territorio de su mando.²⁸

Em resposta a esta reivindicação da Legação brasileira, o governador de Corrientes, em um telegrama do dia 24 de dezembro de 1893: “afirma que o chefe de policia de Santo Tomé desarmo um grupo de revolucionários brasileiros, prendendo dez *combley* e carabinas *spencer*, providenciando sua imediata intervenção. Entre eles, estava presente o Coronel Prestes Guimarães”.²⁹

Porém, estas atitudes não pareceram convencer o Legador brasileiro na Argentina, G. de Sá Valle. Tanto é, que ele mais uma vez, através do Ministro das Relações Exteriores argentino, Eduardo da Costa, pede em telegrama de 29 de dezembro de 1893, que o Governador de Corrientes reprima a circulação de revolucionários naquela província:

A pedido de la Legación del Brasil me dirijo a V. E. recomendándole se sirva tomar las del caso para evitar que el territorio brasileiro pueda ser invadido de nuevo por los revolucionarios del Estado de Rio Grande do Sur, pues se teme según dice, el Encargado de Negocios, que las autoridades de Santo Tomé prestam protección á Prestes Guimares, Duarte Dornellas y outros federalistas que fueron batidos em San Borja t emigraron para la Provincia de Corrientes, queda V. E. autorizado para ordenar su internación, dado el caso que dichas personas no ofrezcam las garantías necesarias.³⁰

Esta mesma preocupação é reafirma em seguida:

[...] El encarregado de Negocios solicita que S. E. la expedición de ordenes enérgicas á objetivo de impedir, de uma vez, la invasión del territorio brasileiro, por grupos federalistas.

El mejor, á su ver, seria la internación a esta Capital de Prestes Guimaraes, Duarte Dornellas, que se halla actualmente em Santo Tomé, del doctor Eduardo Lima, Juan Barcelos y Orlando Fontaura, que se supone em Libres, pues de este modo estariam más bajo la inmediata vigilancia de la policía.³¹

Poderíamos aqui citar várias outras passagens destes relatórios, que recaem sempre em torno deste tema, ou seja, o representante brasileiro pressionando para que as autoridades argentinas restringissem o fluxo dos revolucionários em seus territórios. Percebesse nas constantes comunicações entre o governador de Corrientes e o Ministro das Relações Exteriores, bastante ambigüidade nas informações repassadas. Em alguns telegramas, o governador afirma há existência de piquetes revolucionários em sua província, como vimos acima. Inclusive, pedindo em telegrama de 13 de janeiro 1894, que para suas forças policiais, fossem reforçadas em armamentos, para melhor prestar o serviço, na quantia de 150 carabinas, 150 sabres e 5 mil tiros.³² Entretanto, pelo próprio depoimento de Prestes Guimarães, reproduzido anteriormente, bem como pelos constantes pedidos do legador brasileiro de que se reprima os revolucionário braseiros. Nos deixa margem, para no mínimo duvidarmos das ações de repreensão cometidas pelos governantes das províncias de fronteira com o Brasil.

Essa passagem deixa claro que Prestes Guimarães havia se exilado na Argentina, onde inclusive havia recebido ajuda do próprio governador de Corrientes, Valentin Virassoro. Esse fato ocorre em agosto de 1894, aproximadamente um ano após isso, quando Prestes já estava recuperado por completo e inclusive planejava uma nova invasão ao território sul-riograndense. Em um telegrama enviado a Joca Tavares, ele relata uma batalha entre republicanos e federalistas e solo argentino:

[...] Dias antes no combate do dia 24 (julho de 1895) a que estou me referindo, o Almirante recebeu do Coronel Prestes Guimarães a seguinte comunicação: Molina auxiliado pelas forças de Pinheiro Machado invadiram

a capital de Corrientes, sitiando o palácio do Governo, este escapou-se, digo, presidente escapou-se e foi dar no acampamento de Prestes Guimarães, pedindo proteção. Reunindo-se a este e mais patriotas, voltaram a capital e atacaram os revolucionários, derrotando-os completamente, aprisionando muito oficiais da força de Pinheiro Machado e General Lima, tomando todo armamento e munição, e um canhão de tiro rápido”.³³

Esta citação é extremamente emblemática. Pois, ela aponta para um acontecimento que se de fato ocorreu, seria motivo para fortes retaliações por parte do governo argentino. Tendo em vista, se tratar de uma brutal agressão a soberania daquele país. Referencias a cerca desse possível confronto não foram encontradas em nenhuma bibliografia referente à “Revolução Federalista”. Entretanto, nas pesquisas desenvolvidas junto aos relatórios do Itamaraty, encontramos indícios, que apontam para tal acontecimento. Nesse sentido, no relatório referente ao ano de 1895, apresentado pelo Ministro das Relações Exteriores, Carlos Augusto de Carvalho, traz as seguintes informações referente as relações diplomáticas entre Brasil e Argentina, no contexto dos movimento “revolucionários” no sul do Brasil.

O movimento revolucionários contra o governador de Corrientes em junho do ano passado, deu lugar a que o Governo Brasileiro com a lealdade devida providenciasse para que o território do Rio Grande do Sul não se prestasse as manobras dos perturbadores da ordem legal. Essas indicações da Legação Argentina foram atendida com pressurosa efficacia, providenciando-se sobre o desarmamento e a internação dos refugiados.³⁴

Apenas algumas considerações sobre esta informação. É possível perceber, que o Ministro chama a atenção para um atentado contra o governador de Corrientes, porém, diferentemente do que Prestes assinala em sua correspondência, segundo ele essa agressão teria partido por parte dos revolucionários e não de forças legalistas. Acreditamos que essa possa ser uma tática utilizada por parte do governo brasileiro para amenizar possíveis complicações diplomáticas com o país vizinho, assim sendo, inverteu-se os atores. Uma segunda observação que deve ser feita, diz respeito às datas, que aparentemente não conferem, já que para Prestes Guimarães, tal batalha teria ocorrida em julho de 1895, já o governo brasileiro, faz referencia que tal evento teria ocorrido um mês antes. Como não foi possível encontrar outras referencias sobre esse episódio nas tantas fontes pesquisadas, acreditamos que uma delas realmente houve erro ao se transcrever. Nesse sentido, a correspondência de Prestes endereçada a Joça Tavares, que se encontra no diários desse último, apresenta maior possibilidade de estar

equivocada, pois trata-se de uma bibliografia produzida a pouca tempo, diferentemente do relatório ministerial.

Outro acontecimento envolvendo Prestes Guimarães explicita a ligação do movimento revolucionário com a Argentina, Marcus Vinicius aponta o seguinte:

[...] em carta dirigida a Rafael Cabeda, Prestes Guimarães, emigrado na Argentina (no outro lado do Rio Uruguai, em frente a S. Borja) solicitava que Cabeda atacasse esta cidade, enquanto ele mobilizaria as forças acampadas em Libres, La Cruz, Alvear, S. Tomé e Conceição. O fato de os federalistas terem acampado nesta região e nela se organizado, demonstra que eles tinham apoio e simpatia de diversos setores políticos junto à fronteira Brasil/Argentina, senão como conseguiriam se manter, Abranches, contemporâneo dos acontecimentos sustentou em seu livro que, em Monte Caseros, "*não só as autoridades, como a grande maioria da população, era francamente simpática ao movimento revolucionário*".³⁵

Em outra passagem o autor continua a apontar indícios que apontam para a confluência de movimentos revolucionários no Brasil e Argentina:

Acreditamos que a rede formada com os revolucionários argentinos se constituiu ao longo da Revolução Federalista, foi através dela que muitos grupos revolucionários do RS foram armados e municiados. Isto também explica o grande número de revoltosos brasileiros que se exilaram na Argentina, após o fim da Revolução em 1895. [...]

[...] Líderes da metade norte do estado, como Dinarte Dornes, da região das Missões, prepararam-se e esperaram as ordens na região de Missiones, norte da província de Corrientes, ali na cidade San Tomé, o líder liberal-federalista missioneiro preparou suas tropas, contava com apoio de muitos dos revolucionários argentinos.

As correspondências do período, também apontam no mesmo sentido. Em junho de 1893, Rafael Cabeda, em carta enviada a seu irmão, Francisco Cabeda, dizia que, um vapor carregado de armas e munições sairia em breve de Buenos Aires e dirigiria-se aos pontos de fronteira, onde as mesmas seriam distribuídas, o Conselheiro Gaspar Silveira Martins é que lhe tida dado esta informação. É importante lembrarmos que por esta época, a cidade de Buenos Aires estava sob controle dos Radicais.³⁶

Entretanto, nos chama atenção, o fato que em seguida o autor aponta para uma tentativa de Virasoro, governador de Corrientes, o qual já vimos, possuía uma ligação com federalistas, em tentar acabar com a revolução: "O Governador de Corrientes, Virasoro, procurava articular-se como Vitorino Monteiro, representante Brasileiro no Uruguai, afim de "*estrangular a Revolução*".³⁷ Este fato corrobora com nossa afirmação inicial, de que, essa relação entre federalistas e argentinos, foi muito mais complexa, do que uma primeira análise possa sugerir.

Considerações Finais:

Como assinala Chasteen, por volta das últimas duas décadas do século XIX, as guerrilhas gaúchas montadas, que tanto trabalho havia dado aos governos dos países da região platina³⁸, já não conseguiam mais fazer frente aos exércitos nacionais profissionais regulares e cada vez mais bem armados (CHASTEEN, 2003, p. 15). Nesse sentido, as revoluções tornaram-se cada vez mais efêmeras e de menor duração. A “Revolução Federalista” perfeitamente enquadrasse nessa análise, entretanto, nos chama a atenção o fato de os federalistas, mesmo dispendendo enormes dificuldades frente às forças republicanas, conseguiram estender a “Revolução” por dois anos e meio, até o acordo de paz e a seguinte perpetuação do PRR no poder.

Parece-nos para que isso acontecesse, duas situações foram extremamente importantes para as pretensões dos “revolucionários”. A primeira foi à associação com os revolucionários da armada, em outubro de 1893. Este deu fato deu novo “fôlego” aos federalistas e maior visibilidade nacional e internacional de suas empreitadas. Em segundo, porém não menos importante, esta a relação que os líderes do movimento desenvolveram com lideranças platinas, afim de conseguir certos benefícios, dos quais a “Revolução” necessitava profundamente, como por exemplo: contrabandear armamento através da fronteira, praticar incursões táticas em território estrangeiro afim de fugir de perseguições, bem como, refugiar-se nos países vizinhos em momentos de desvantagens frente a inimigo, que não foram poucos ao longo de 1893 a 1895.

Referências:

CERVO, Amado Luiz; BUENO, Clodoaldo. *História da Política Exterior do Brasil*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2002.

CHASTEEN, John Charles. *Fronteira rebelde: a vida e a época dos últimos caudilhos gaúchos*. Trad. Rafael Augustos Sêga; Thelma Belmonte; Elvio Funck. Porto Alegre: Movimento, 2003.

COSTA, Marcus Vinicius da. *A Revolução Federalista (1893-1895): o contexto platino, as redes, os discursos e os projetos políticos liberal-federalistas*. Universidade Federal De Santa Maria, Centro de Ciências Sociais e Humanas, Mestrado em Integração Latino-Americana. Santa Maria, 2006.

FÉLIX, Loiva Otero. *Coronelismo, Borgismo e Cooptação Política*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1987.

FERREIRA, Mariluci Melo. *A trajetória política de Prestes Guimarães*. Passo Fundo: Ediupf, 1998.

FLORES, Moacyr. *1893-95 A Revolução dos Maragatos*. Porto Alegre: Edipucrs, 1993.

FRANCO, Sérgio da Costa. *A Guerra civil de 1893*. Porto Alegre: Ed. Da UFRGS, 1993.

GUIMARÃES, Antonio Ferreira Prestes. *A Revolução Federalista em cima da serra 1892 – 1895*. Porto Alegre: Martins Livraria, 1987.

MAESTRI, Mário. *Uma breve História do Rio Grande do Sul: A república velha - desenvolvimento, consolidação e crise do capitalismo regional 1889-1930*. Passo Fundo: Ed. Universidade de Passo Fundo, 2006.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. *História do Rio Grande do Sul*. 7. Ed. Porto Alegre: Editora Mercado Aberto, 1994.

_____. *A Revolução Federalista*. São Paulo: Brasiliense, 1983.

RAUBER, Jaime José (coord); SOARES, Márcio (coord), et al. *Apresentação de trabalhos científicos: normas e orientações práticas*. 3º edição, UPF editora, 2003.

REVERBEL, Carlos. *Maragatos e Pica-Paus: Guerra civil e degola no Rio Grande*. Porto Alegre: L&PM, 1895.

RECKZIEGEL, Ana Luiza. *Diplomacia marginal: vinculação política entre o Rio Grande do Sul e Uruguai (1893-1904)*. Passo Fundo: UPF EDITORA, 1999.

TAVARES, Francisco da Silva. *Diários da Revolução de 1893*. Organização: Corolário Bragança Pardo Cabeda, Gunes Axt e Ricardo Vaz Seelig. Porto Alegre: Procuradoria-Geral da Justiça, Projeto Memória, 2004. Tomo II.

TAVARES, João Nunes da Silva. *Diários da Revolução de 1893*. Organização: Corolário Bragança Pardo Cabeda, Gunes Axt e Ricardo Vaz Seelig. Porto Alegre: Procuradoria-Geral da Justiça, Projeto Memória, 2004. Tomo I.

TRINDADE, Héliogio; DACANAI, José Hildebrando; GONZAGA, Segius (Org.) et al. *RS: Economia & Política*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1979.

Notas:

¹ O presente texto foi desenvolvido junto ao mestrado em História da Universidade de Passo Fundo, como forma avaliativa da disciplina de História Política I, ministrada pela Professora Dr.^a Ana Luíza Reckziegel.

² MAESTRI, 2005, p. 7.

³ TRINDADE, 1979, p. 123.

⁴ TRINDADE, 1979, p. 125.

⁵ Assim como os republicanos possuíam um jornal oficial, A Federação. Os liberais possuíam o seu, “A Reforma”.

⁶ TRINDADE, p. 128.

-
- ⁷ TRINDADE, *Apud* FRANCO, Sérgio da Costa. *O sentido Histórico da Revolução de 1893*, op. cit. p. 198-9.
- ⁸ FÉLIX, 1987, p. 94.
- ⁹ TRINDADE, 1979, p. 123-24.
- ¹⁰ RECKZIEGEL, Ana Luiza. *Diplomacia marginal: vinculação política entre o Rio Grande do Sul e Uruguai (1893-1904)*. Passo Fundo: UPF EDITORA, 1999, p. 97.
- ¹¹ FRANCO, 1993, p. 48- 49.
- ¹² RECKZIEGEL, *Apud* SÁ, 1973, p. 42-45.
- ¹³ MAESTRI, 2005, p. 27.
- ¹⁴ TAVARES, 2004, p. 88. TOMO I.
- ¹⁵ RECKZIEGEL, 1999, p. 102.
- ¹⁶ 1999, p. 114.
- ¹⁷ FRANCO, 1993, p. 45.
- ¹⁸ Batalha ocorrida na localidade de Pulador, hoje Distrito de Passo Fundo, no dia 27/06/1894. É conhecido como o maior e mais importante combate entre as duas forças beligerantes.
- ¹⁹ TAVARES, Tomo I 2004, p. 62.
- ²⁰ 2004, Tomo I, p. 62.
- ²¹ RECKZIEGEL, 1999, p. 113-114.
- ²² 1999, p. 114.
- ²³ COSTA, 2006, p. 19-20.
- ²⁴ CERVO, 2002, p. 168.
- ²⁵ FRANCO, 1993, p. 84.
- ²⁶ GUIMARÃES, 1987, p. 56.
- ²⁷ *Memórias de Relaciones Exteriores*. Presentada al Honorable Congreso Nacional em 1894 – Imprensa de Martín Biedma: Buenos Aires, 1894. (Biblioteca del Archivo General de la Nación Argentina).
- ²⁸ Memórias de Relaciones Exteriores de 1894, p. 51.
- ²⁹ Memórias de Relaciones Exteriores de 1894, p. 52.
- ³⁰ Memórias de Relaciones Exteriores de 1894, p. 53.
- ³¹ Memórias de Relaciones Exteriores de 1894, p. 55.
- ³² Memórias de Relaciones Exteriores de 1894, p. 57-58.
- ³³ TAVARES, Tomo II 2004, p. 322.
- ³⁴ Relatoria do Ministério das relações Exteriores, p. 27-28: <http://brazil.crl.edu/bsd/bsd/u1610/> - acessado em: 15/12/2009.
- ³⁵ VINICIUS, 2006, p. 18.
- ³⁶ VINICIUS, 2006, p. 15-16.
- ³⁷ VINICIUS, 2006, p. 18.
- ³⁸ Compreendem fisicamente a Região Platina os territórios de Entre Rios, Corrientes, a campanha de Buenos Aires, a Banda Oriental (Uruguai) e o Rio Grande do Sul. (HEINZ, Flávio; JUNIOR, Ronaldo. 2003, p. 72).